



FIM DE SEMANA

— 16

1. Temos andado pelos temas passado-presente e pelas carências de Espinho; praza aos fados, que a elas voltaremos.

Hoje vamos começar a revelar alguns instantâneos obtidos durante o veraneio por terras de Espinho, ainda que alguns a ela não respeitem.

2. A noite de 29 de Junho de 1973 foi a noite de Juan Manuel Serrat. Foi a noite do Grande Casino de Espinho que o trouxe até nós. Foi a noite de Espinho que o recebeu.

No entanto, na multidão que saturava o Salão Nobre, havia assistentes, ainda que em número diminuto, mas suficiente para se fazer notar, que, durante a actuação do artista, conversavam animadamente das suas vidas, sem respeito pelo cantor nem pelos demais assistentes que ali tinham acorrido para o ouvir e não para ouvir das vidas deles; outros que se riam das gracinhas que entre si diziam, e até havia quem regaladamente dormisse.

Esses não mereciam Juan Manuel Serrat. Esses não mereciam a noite que o Casino lhes deu. Esses não mereciam a noite que Espinho teve.

3. Noticiou «O Primeiro de Janeiro» do dia 31 que a quase total falta de água em Cascais fizera com que muitos turistas tivessem abandonado aquela estância de turismo.

Pois é. É o que acontece às estâncias de turismo que a tempo e horas não curam de remediar as suas carências.

4. Eram dois bons emigrantes portugueses em gozo de férias. Lá iam, ali na Rua 19, a conversar, em voz bem alta, em francês, ou melhor, num linguajar parecido com a língua francesa.

Ridículo. Elegantemente, chamar-se-ia àquilo armar aos cágados.

(Continua na pág. 2)

NOVA CIDADE! CIDADE NOVA!

Costumamos fugir para um recanto minhoto gozar alguns dias de férias, local pleno de verdura, água a jorros e sossego a convidar ao descanso. No entanto, como há determinados hábitos que, por mais que se queiram esquecer não se conseguem desprezar totalmente, uma vez por outra temos que sair da calma envolvente e ir satisfazê-los ao bulício da cidade vizinha.

E quando se está na cidade entramos a compará-la, mesmo sem darmos conta, com a nossa, às vezes a associar pormenores pouco importantes mas que não devem fugir à nossa atenção.

Vamos ao café e, lá como cá, não é só a falta de trocos. É a chávena que nos servem entornada para o pires. É o engraxador a limpar-nos os sapatos e a cuspir para o chão sujo de papéis.

Chegamos ao Correio e são as bichas a alongarem-se à frente dum reduzido número de funcionários que atendem um público cada vez mais numeroso.

Segue-se para o barbeiro e, lá como cá, deparamos com o miúdo a varrer o chão para onde o oficial sacudiu a toalha. Os cabelinhos a espalharem-se por toda a parte. Pela banca, pelas cadeiras, pelos espelhos, só porque em vez da vassoura ainda não se descobriu a vantagem dum pequeno aspirador, que muito mais rápida e eficazmente fazia a verdadeira limpeza. E, lá como cá, o barbeiro discute futebol e também diz que este ano vamos subir à 1.ª Divisão.

Observa-se que há falta de polícias. Como cá, dizem que o efectivo de segurança pública, não chega para satisfazer as mais urgentes funções.

(Continua na pág. 4)

PORTA ABERTA

«Não posso ver d'olhos secos
A nossa praia querida...
— Agora vamos p'rá Seca
Secar os «ossos da... vida!»

Começo por pedir desculpa ao meu velho Amigo Carlos de Moraes por este inocente plágio.

Com a exclamação «esta criança dá cabo de tudo» a minha avó mandou fundilhar alguns calções coçados por saudável traquinice.

Eu era ao tempo «mascote» no S. Luís. Ainda não tinha seis anos. O dia da «estreia» dos calções com os respectivos fundilhos foi um dia «trágico» que me ficou bem gravado na memória. Primeiro porque não consegui convencer a minha avó que parecia mal ir para o Colégio «naquela figura». Depois tive que escolher ruas de menos movimento para não ser visto e mesmo assim com a saca dos livros a esconder o «cu dos calções». Para cúmulo um

«amigo da onça» vendo-me assim com um ar tão enfiado e desconfiando a «tragédia» ainda me lançou mais fogo dizendo: Olha lá...! Tu não tens vergonha de andar com fundilhos?

...Foi o máximo nesse dia «penoso»! Só esqueci os fundilhos quando chegou a notícia ao Colégio de que o mar estava a destruir com a sua fúria o Posto de Socorros a Naufragos. Fui ver. A minha atenção concentrou-se na acção destruidora do mar. Centenas de pessoas observavam a desdita. Misturei-me com esse bom povo de Espinho, vivendo a sua amargura e gravando na minha memória de criança uma objectiva imorredora.

Começava ali o fim da nossa praia central!

Nesse dia quase não quiz comer. Tinha sido emoção demasiada para «um homem só...».

(Continua na pág. 4)

EDITORIAL

BALANÇO

Festejamos, hoje, o dia de Nossa Senhora da Ajuda, padroeira de Espinho.

Significa isto que findou, praticamente, a época balnear de 1973 (vão longe os tempos em que o verão espinhenses se iniciava em Maio ou Junho e se prolongava até aos fins de Outubro).

É chegada a altura de darmos o nosso balanço, analisando o que fizemos e o que deixámos de fazer, tendo em vista a consolidação e possível aperfeiçoamento das realizações capazes, o preenchimento das omissões e a correcção das deficiências em que incorremos.

Espinho não precisa da praia para viver. Em boa verdade, há muito tempo que passámos a fase em que uma grande parte da nossa população tinha o seu destino ligado à época balnear, como os vendedores de refrigerantes na zona norte-tenha o têm ao calor.

Mas seria loucura desprezar, ou, mesmo, minimizar o valor económico social que para Espinho significa a faceta turística da sua praia, que grangeou desde os começos da sua existência. E compete-nos lutar, por todos os meios ao nosso alcance, para a reforçar, correspondendo aos esforços da iniciativa privada, que, sem ajudas de qualquer espécie — não é demais repeti-lo — transformou Espinho em zona turística de primeiro plano.

Nada ganhamos em iludir-nos. Ao encararmos Espinho sob qualquer dos ângulos que devam ser focados, deparamos com a questão prévia — e cansativa — dos seus problemas vitais sem solução ainda: os acessos, o caminho de ferro e o mar. Todas as outras questões — e muitas são — são secundárias. Não temos o direito de espalhar flores enquanto não tivermos estes três decisivos problemas resolvidos.

É por eles, exclusivamente por eles, que o nosso balanço deve começar a demorar-se, se quisermos tratar com seriedade, para nós e para os nossos veraneantes, o balanço do ano que agora finda.

Sabemos haver promessas, agora mais concretas do que nunca. Receamos — não nos levem a mal — que se não concretizem com a urgência que as palavras utilizadas fazem supor e que os interesses de Espinho e do País exigem.

Por isso — e na calma que vai seguir-se — iremos procurar esclarecer, até onde nos for possível, o estado em que se encontram as coisas: se se procede a estudos, onde, quanto tempo demoram, quais os obstáculos que emperram o andamento dos processos, se há vontade e esperança em os vencer e para quando se prevê o início e o fim da execução das necessárias obras.

O nosso balanço só seguirá depois de esclarecidos estes pontos essenciais.

É que Espinho não pode chegar ao verão de 1974 sem estes problemas resolvidos definitivamente. Sem isso, não temos cara para enfrentar os mais dedicados frequentadores de Espinho, a quem transmitimos a nossa crença nas promessas, e não sabemos como alguns dos nossos amigos conseguirão arranjar-lá para nos enfrentar a nós e a todos aqueles que, como nós, acreditaram nas suas palavras.

AMADEU MORAIS

FIM DE SEMANA . 16

(Continuação da pág. 1)

Como não sou elegante, chamo-lhe parvoíce.

5. A «Defesa de Espinho» do dia 1 transcreve uma local do «Comércio do Porto», em que se exprime o espanto por ver um despacho ministerial que ordena à C.P. a realização imediata de obras nas suas instalações nesta cidade, sem que se veja jeitos de a C.P. obedecer a tal despacho.

E o cronista do «Comércio» interroga:

«Haverá, acaso, mais de uma maneira de obedecer?»

E conclui: «Dura lex, sed lex», mas, ao que se vê, é só para alguns».

Leio e sinto-me regalado, porque neste mundo preverso ainda há almas ingénuas, puras e santas como a do nosso cronista do «Comércio».

6. O sujeito gordinho, redondinho, cilíndrico, de cabeça em forma de balão com um bigodinho à Charlot, coberta com um chapéu de «cow-boy» de abas levantadas e amarradas no cimo, quarentão, calçãozinho de ganga azul, saía com a mulher e os meninos do átrio do

cinema, onde, pelos vistos, tinham ido ver os cartazes e fotografias dos filmes a exhibir.

E, dogmático e moralizador, esclarecia a família:

— Nada que preste. Não tem mortes, nem nada.

7. Olhei distraído em frente e dei com os olhos nela.

Há quantos anos a não via... Há quase quarenta anos.

Fora o primeiro grande amor da minha vida, e ainda hoje é um grande amor na minha vida.

Perdida que foi para mim, continuei desde então a tê-la sempre presente a meu lado, minha Senhora da Infância e Adolescência.

Mas não podia ser ela, não; essa via-a-enterrar numa manhã chuventa de Novembro, muitas décadas atrás. No entanto, nunca desde esse dia tinha encontrado uma mulher que em tudo tanto se assemelhasse a minha mãe.

Mesmo que fosse só por esse encontro, valera a pena ter passado Agosto em Espinho.

VASCO LUIS

E, OLÉ! NOVIDADES DA TAUROMAQUIA

ASSUSTADOR DECRÉSCIMO DE ESPECTADORES!

No âmbito da criação de um complexo turístico consentâneo com uma terra virada, desde sempre e cada vez com maior incidência, para o turismo, o aparecimento da Praça de Toiros «Solverde» foi saudado com entusiasmo, porquanto se trata de uma unidade que se integra no tal conjunto, com perfeita acuidade e valimento.

O tauródromo, mesmo que puséssemos de parte a sua polivalência na qualidade de recinto no tocante a uma diversificada casta de espectáculos, é, mercê da «festa brava», um pólo de atracção para a terra, porquanto as corridas captam o interesse de forasteiros, nacionais e estrangeiros, que se deslocam, que permanecem, fomentando precisamente o turismo, pois ele estrutura-se no vai-e-vem das pessoas, nessas migrações ditadas pelas regras e necessidades da nossa própria existência.

No ano transacto, o da inauguração da praça de toiros espinhense, época de regresso aos espectáculos de tauromaquia que no antanho marcaram aqui posição, houve o impacto natural e facto é que, segundo fontes dignas de todo o crédito, as corridas realizadas, sem contar para o efeito um festival taurino, tiveram, no cómputo geral, uma média de espectadores a atingir a percentagem de, aproximadamente, 80% da lotação total.

Esta época, depois de efectuados seis espectáculos, constata-se que, assustadoramente, a média de frequência não alcança os 50%, sendo de fazer a necessária análise perante uma quebra tão pronunciada, rebuscando-se as causas que a terão motivado.

Em primeiro lugar, teremos de objectivamente afirmar que não há o vinculo do público ao espectáculo, pelo menos nas doses maciças que fazem existir, sempre, gente para acorrer como, por exemplo, ao futebol. O aliciamiento processa-se através de certo número de factores, a principiar numa habitação, numa identificação, numa vivência, num conhecimento não só do espectáculo em si, como de quanto o integra. Ora, convenhamos, isso não se cultiva e a maioria das pessoas vai ao espectáculo pela emoção que ele desperta, pelo entusiasmo que gera, por alguns nomes mais sonantes dos artistas, por diversão, mas sem saber viver e ver uma corrida, daí que o vício não se enraíza. Aliás, para desajudar, e embora possamos crer que a organização é onerosa, o espectáculo de toiros é caro para o nível médio das bolsas indígenas.

Por conseguinte, temos aqui já o contributo negativo de duas razões válidas: desfasamento do público ante a verdade e idiossincrasia do espectáculo, como o preço de ingresso no mesmo.

Mas, não só. Com raízes nesse desfasamento e no preço elevado, devemos citar que é, por ora, enquanto não se fizer a escolaridade para criar aficionados, quantitativa e qualitativamente

falando, difícil arranjar público para corridas numerosas em demasia e demasiado em série, até porque há ainda outros aspectos com nítida influência nesse estado de coisas.

Por exemplo, o desconhecimento do público fá-lo reagir de maneira diversa ante o cartaz e como não possui, no fundo, o «virus» da tauromaquia, pois opta pela comparação quando a ressonância dos nomes dos artistas o alertou e só fortuitamente irá quando os vultos intervenientes pouco lhe dizem. Também, não dissociemos que a empresa organizadora, estabelecendo preços fixos para todos os espectáculos da época, sem curar de incentivar o público com preços mais acessíveis quando a categoria dos artistas em cartaz não é do escalão maior, não dá uma achega que poderia envolver-se de aspectos bem positivos na sua promoção e publicidade.

Aqui temos, deste modo, portanto outros factores a considerar.

Contudo, ainda há mais. E, localmente, como nas imediações, pode-se citar a escassez de uma propagação incisiva e intensa, de molde a prender a atenção do público, pois, embora tenha existido, não se revestiu realmente dessas particularidades que citamos.

Para além disso, há um aspecto que, quanto a nós, é de uma influência tremenda no decréscimo verificado no número de espectadores. Na realidade, no intuito de propagandear a «festa» e, também, na mira do alcance de proventos materiais consubstanciados na novidade, a empresa concessionária da praça de toiros «Solverde», promoveu espectáculos tauromáquicos em diversos pontos do norte do país, mercê duma praça de toiros desmontável e teve, naturalmente, o cuidado de escolher cartazes com os vultos de maior aceitação entre o público mesmo desconhecedor que, graças ao veículo de propagação que é a televisão e as transmissões directas das corridas, sabe quem são. Ora, é crível que pessoas dessas localidades, não possuindo também o vício das tauromaquias, portanto, eventualmente, deslocar-se-iam uma ou outra vez a terras onde houvesse corridas, deixam de o fazer, na medida em que o espectáculo lhes é levado a casa, mitigando-lhe o desejo que possam sentir de o irem ver aqui ou além.

Baixou assustadoramente a afluência do público da época transacta para esta, porém aí ficam algumas das razões reais que reputamos de importantes e com influência, as quais terão de ser combatidas com medidas adequadas, necessariamente estudadas pelos entendidos, criando uma estrutura e adaptando-a às circunstâncias, com o pleno conhecimento do meio, das realidades, das reacções, pois é preciso semear para colher, como se torna indispensável ensinar, incentivar, despertar o interesse, por obra de bases sólidas e conscientes, fabricando o público verdadeiramente aficionado e não, apenas, exigindo gente para encher as praças a esmo.

«EL MATADOR»



DEFESA DE ESPINHO

REDACÇÃO
ARMÉNIO GOMES
CARLOS PINHEIRO MORAIS
CARLOS SARRIA
JOÃO QUINTA

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR

ANTÓNIO GAIO

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA SEQUEIRA
RUA JOSÉ FALCÃO, 122
PORTO

I Salão Nacional de Fotografia

O I Salão Nacional de Fotografia, foi uma inovação, positiva, no panorama das realizações pró-turismo, que veio de encontro ao muito interesse por esta modalidade artística que se vem verificando na cidade. A organização da C.M.T. esteve, perfeitamente, à altura e mereceu mesmo alguns elogios. O facto de ter sido utilizado um salão como o da Piscina, para a exposição dos trabalhos, permitiu que estes fossem, desinibidamente, apreciados, discutidos e criticados por centenas de visitantes.

Os trabalhos agruparam-se em dois temas que passo a examinar.

Tema Regional — Suponho que, ao propor este tema, a organização teve em vista uma ampla pesquisa dos muitos aspectos que Espinho poderia oferecer para fotografia. Infelizmente — excepção para a secção 3 — isto não foi o que se viu. Assim, fazendo uma análise por secções temos:

Secção 1 — Preto e branco. Os vinte e cinco trabalhos, apresentados, focam, na sua maioria, o estafado tema dos bois e dos barcos. Hipismo ocupa um surpreendente segundo lugar. Fica a vontade de perguntar se é isto apenas que Espinho tem para oferecer ao fotógrafo. Na realidade, a rebentação do mar destruindo a muralha de defesa, a praia descarnada, o vasto conteúdo humano da Feira Semanal ou do Sul da Cidade, o anquilosamente cé-pésino (C.P.), etc., poderiam oferecer melhores pretos a pôr no branco deste Salão. Terão os concorrentes ficado constangidos pelo mau gosto da capa que serviu de regulamento e o catálogo?

Os prémios — Dois instantâneos, uma bem conseguida impressão — são três exemplares enquadramentos. A Ricardo Fonseca, explorando o contraste, na temática — Trabalho e Repouso — e na luz — Piscina; F. Oliveira Pinto, recorrendo a uma técnica de belo efeito — Vouga, Preparando as Redes — são nomes a destacar nesta secção.

Secção 2 — Cores em papel. Repetese, mais agravado, o panorama da secção anterior. Ninguém afinou pelo rapport do cartaz publicitário que exemplifica o que Espinho poderia oferecer a esta Secção.

Os prémios — o movimento dos bois em grande angular, o pôr do Sol, um instantâneo desportivo — a vontade de atribuir prémios!

Secção 3 — Diapositivos a cores. Surgem-nos aqui os trabalhos que valorizam o tema. Houve um alargamento na temática, uma exploração de técnicas de subversão — prismas, máscaras, etc. — e uma procura de ângulos verdadeiramente novos.

Os Prémios — Surpreendente composição «Catedral», movimento e composição pelo cor «Vida Difícil», um pôr do Sol «Luz da Salvação». Nomes a destacar: A. Ricardo Fonseca — dois prémios e Mário G. Ferreira — quatro trabalhos, explorando, bem, efeitos da luz.

Tema Livre — Os trabalhos enquadrados nas três secções deste tema, reuniram o suficiente para permitirem ao visitante «tirar o retrato da fotografia» descrito na abertura do catálogo. Analisando:

Secção 1 — Preto e branco. Os cento e cinco trabalhos admitidos cobrem diversos dos campos que a fotografia pode explorar. Nota-se a falta da fotografia documento, o País de E. Gageiro, A. Paixão e A. Cabrita oferece melhor.

Os Prémios — O melhor prémio para qualquer trabalho, nesta secção, foi o ser admitido. Não me parecem tê-lo merecido, quatro trabalhos, apenas 3% do total exposto. A atribuição de prémios, propriamente dito, causou a mais acesa controvérsia. O júri, através dos prémios, chamou a atenção para o modernismo na fotografia permanecendo como tal e não, na fotografia que invade campos mais específicos do desenho ou da pintura. Dentro deste critério os oito trabalhos distinguidos eram dos melhores, pode, no entanto, permanecer em causa a validade do critério.

Nomes a destacar: Aníbal Sequeira — quatro trabalhos que correram mundo («O Ganhão» conquistou já cerca de 30 medalhas de ouro) e como clássicos da fotografia portuguesa são ponto alto em qualquer salão. «Desespero» reúne ainda o modernismo que justifica o 3.º prémio atribuído. A. Ricardo Fonseca — três trabalhos de tendência diversa revelando um verdadeiro estudioso da fotografia. «Gaivotas», uma presa de caça fotográfica, mereceu o 1.º prémio. António Tomás — dois retratos, «Gigi», o «O Contestatário», frutos de uma extrema sensibilidade. J. Firmino Ribeiro — finura de enquadramento e captação subtil do movimento justificam o 2.º prémio atribuído a «Ceifeira». J. Peixoto da Fonseca — extremo modernismo. Manuel Peres — pretenciosamente vanguarda pelo arrojado do tema em «Mãe» apenas vi símbolos, a mulher grávida, o bidé, etc., o fotógrafo para sintetizar tudo isso não esteve lá.

Secção 2 — Cores em papel. Esta modalidade ainda não atingiu, entre nós, um nível que justifique a exposição de trabalhos. Há uma tendência generalizada para o efeito fácil do postal ilustrado.

Os prémios — Uma composição de escola italiana «Encontro», um instantâneo de grande dificuldade técnica «Galope», uma composição de sentidos opostos «Regresso».

Secção 3 — Diapositivos. Esta técnica fotográfica, muito acessível e permitindo uma perfeita tradução de cores, tem já adeptos em número comparável aos do preto e branco. Muitos dos trabalhos admitidos, porém, não o justificam senão pelo tema que focam.

Os prémios — Surgem de entre conjuntos de trabalhos que facilmente ressaltam como resultado de um trabalho continuado e não de qualquer feliz acidente: João Avelino Marques «Manhã Azul», M. A. Torres Nunes «Bucolismo» e José Oliveira Pinho «Sol da Manhã». J. P. da Fonseca acentua com os três trabalhos admitidos a ideia de *avant-gard* já suscitada nos seus trabalhos a preto e branco.

JORGE CATARINO

FESTAS DA N.ª S.ª DA AJUDA

Principiam hoje estas tradicionais festas de Espinho e terminam na 2.ª-feira, com a Feira das Cebolas.

Este ano anunciados com um novo propósito a justificar o título — DA AJUDA, os festejos prometem quanto mais não seja uma boa intenção e uma nova orientação.

notícias da cidade

Agenda

NOTÍCIAS PESSOAIS

— Após temporada de veraneio nesta Praia, regressaram com suas famílias a Bloomfield-América do Norte, os nossos estimados assinantes srs. Jorge de Almeida Carneiro e José de Almeida Carneiro.

— Durante alguns dias, esteve entre nós, o nosso estimado assinante sr. dr. Miguel Pinto de Meneses, conceituado professor do Colégio Militar.

CASAMENTOS

Joaquim da Cunha e Sousa com Maria de Lurdes Pedro Morgado, filhos de Carolina da Cunha e Sousa, ele, e ela de José da Costa Morgado e Lucinda da Silva Pedro, na Igreja de N. S. da Ajuda, Espinho.

— x —

Joaquim Ferreira de Oliveira com Maria Olinda Pinto de Sá, filhos de Raul Soares de Oliveira e de Margarida Ferreira Fontes, e Luís de Sá Camboa e Inês Pinto de Castro, respectivamente, na Igreja de Paramos, José Rodrigues dos Santos com Maria da Graça Alves Maia, filhos de Joana Rodrigues dos Santos, ele, e ela de José Augusto Teixeira Maia e de Glória Alves Maia, na Igreja de Guetim-Espinho.

— x —

Armindo da Silva Frutuoso com Laura de Sousa e Silva, filhos de Manuel Rodrigues Frutuoso Júnior e Palmira Ferreira da Silva, e de Manuel de Sousa e Silva e Maria Ferreira de Sousa, na Igreja de Anta-Espinho.

— x —

Valter Aurélio da Silva Fortuna com Etelvina Domingues Fernandes Tato, filhos de Aurélio Augusto Fortuna e Etelvina Ferreira da Silva e de Gil Fernandes Tato e Clotilde Romingues Ramos, na Igreja desta cidade.

— x —

João Luís Ferreira Pinto Nogueira, com Maria do Carmo Ferreira dos Santos, filhos de João Baptista Nogueira e Maria Luísa Sampaio Ferreira Pinto Nogueira, e de Manuel Moreira dos Santos e Maria Palmira Ferreira da Rocha na Conservatória do Registo Civil.

— x —

Luís Alberto de Miranda Pires Marques com Maria Aurora Duarte Silva Oliveira, filhos de Álvaro Pires Marques e Alice Miranda de Melo Oliveira e de Quintino Rodrigues Oliveira e Arlete Bravo Duarte Silva, na Igreja da Glória, Aveiro.

CONCURSO PARA ASPIRANTES DE FINANÇAS E ESCRITURÁRIOS DACTILÓGRAFOS DE 2.ª CLASSE

AVEIRO — Concurso para Aspirantes de Finanças e Escriturários dactilógrafos de 2.ª Classe.

Conforme avisos publicados no Diário do Governo II série n.º 207, de 4 do corrente mês, declaram-se abertos concursos pelo período de 20 dias, para o provimento de lugares de «Aspirantes Estagiários» da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos entre indivíduos do sexo masculino que tenham mais de 18 anos e menos de 35, habilitados com o 2.º ciclo dos liceus ou qualquer que seja equivalente e curso do comércio, e Escriturários Dactilógrafos de 2.ª classe, entre indivíduos dos dois sexos, habilitados pelo menos com a escolaridade obrigatória. O prazo acima indicado contar-se-á no Continente a partir da data da publicação dos avisos no Diário do Governo (4-9-73).

DO HOSPITAL

Periodo de 24-8-73 a 10-9-1973

Doentes internados: 152.

Intervenções cirúrgicas:

Cirurgia geral, 27; Otorrino, 50.

Nascimento de crianças: 52.

Radiologia:

Exames radiográficos, 293.

Serviço de urgência:

Homens, 419; Mulheres, 407.

Foram internados, entre outros:

Clementina Jesus Silva Brito, de Espinho, para parto, no quarto 15 e Maria José Andrade Ferreira Peixoto, de Espinho para parto, no quarto 13.

NASCIMENTOS

NA CIDADE

Mafalda Sofia, filha de António Lopes e Maria Urbalina Cordeiro Almeida, residentes nesta cidade.

Carla Alberta, filha de Manuel Botelho de Paiva e de Cândida de Jesus Soares de Paiva, residentes nesta cidade.

Artur Jorge, filho de António Dias Marques Alves da Rocha, e Maria Rosa Ferreira Silva Rocha, residentes nesta cidade.

Pedro Nuno, filho de Carlos Alberto Alves Lopes e de Beatriz Carvalho da Rocha, residentes nesta cidade.

Jaime, filho de Afonso da Silva Costa e de Maria de Lurdes Fonseca Cabeleira, residentes nesta cidade.

Cristina Maria, filha de Mário Quintino Guedes de Oliveira e Maria de Oliveira Costa Guedes, residentes nesta cidade.

NO CONCELHO

Paulo Manuel, filho de João Carlos Pinheiro Vieira e Maria Rosa Vieira da Silva, residentes em Moinhos-Paramos.

Vera Lúcia, filha de José Pinto Nunes e Sofia Ferreira Gomes Nunes, residentes em Souto-Guetim.

Sandra Liliana, filha de Manuel de Meneses Cardoso e Natália da Conceição de Oliveira Reis, residentes na Quinta-Paramos.

Maria de Fátima, filha de Albino da Mota e Silva e Rosa Fernanda Braga Ferreira, residentes no lugar de Espinho, São Félix da Marinha.

Joaquim Jorge, filho de Manuel Jorge Laranjeira Gois, e Maria Fernanda Alves Capela Gois, residentes em Esmojães, Anta.

AIPAL — AGRUPAMENTO INDUSTRIAL DE PANIFICAÇÃO DE ESPINHO, LDA. CONVOCATÓRIA

Nos termos do n.º 1.º, alínea b), do artigo 20.º dos Estatutos, convoco os sócios da «AIPAL—Agrupamento Industrial de Panificação de Espinho, Lda.», a reunirem-se em Assembleia-Geral Extraordinária na sede social, sita à Rua 19, n.º 241-1.º, em Espinho, pelas 9 horas do dia 21 de Outubro de 1973, com a seguinte ordem do dia:

— Apreciação e votação de uma alteração do pacto social para efeitos de aumento de capital.

Espinho, 28 de Agosto de 1973.

O Presidente da Assembleia-Geral,

António Gonçalves Faria

CHOQUE DE VEÍCULOS

Não tinha carta Sérgio Gomes da Silva, que mora em Cadinha, Lourosa. Mas isso não o impediu de conduzir para Espinho, no dia 4, o autoligeiro EI-46-01. Na estrada 109, Silvalde-Espinho, foi chocar com o veículo EH-67-49, a cujo volante estava Dimantino Fernandes Sarraipo, residente na Rua Dr. Mário Pais de Sousa, em Cantanhede. Ambos os veículos ficaram com danos e o condutor não legalizado será presente ao poder judicial.

FITAS QUE ACABAM MAL...

De Capela, em Gulpilhares, pedalara na sua bicicleta 1VNG-46-36 até Espinho, no passado dia 7, o sr. António da Silva Monteiro. Deixou-a estacionada na Rua 8, em frente ao Teatro S. Pedro. Mas ao voltar, o velocípede voara e não teve outra alternativa que não fosse apresentar queixa na Secção da P.S.P., contra incertos.

No dia seguinte, no mesmo local, mais uma fita com mau fim. Desta vez «voou» o velocípede 1ESP-46-54 do sr. Adriano Alves Correia, que reside em Anta, no lugar da Idanha.

ACHADOS

Relação de achados na via pública e em outros locais, que se encontram depositados nesta Polícia, à disposição de quem provar pertencer-lhes:

Vários pares de óculos; vários tampões, próprios para roda de automóveis e um próprio de depósito de gasolina; vários molhos de chaves; quantias em dinheiro; bicicletas simples, sem matrícula ou nome de proprietário; (uma de criança e outra de senhora); vários pares de luvas; relógios de pulso; dois guarda-chuvas em estado de novo, próprios para senhora; um esmalte com a respectiva fotografia; um acessório para para-choques de veículo automóvel; uma mala própria para senhora; uma sacola, com uma toalha e rádio portátil e uma cobertura própria para veículo automóvel.

FALECIMENTOS

NARCISO GOMES CORREIA

No passado dia 4 do corrente, faleceu no Rio de Janeiro, o nosso estimado assinante sr. Narciso Gomes Correia, natural da freguesia de Anta, desta Cidade.

O saudoso extinto que contava 82 anos de idade, era casado com a sr.ª D. Maria de Oliveira Dias,

FARMÁCIA DE SERVIÇO

HOJE E AMANHÃ — GRANDE FARMÁCIA DE ESPINHO — RUA 62 — TELEF. 920092.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, sábado, 15 — *Ringo, cavaleiro solitário*, com Peter Mostel e Piero Lulli — 10 anos.

Amanhã, domingo, 16 — *Caçador de escândalos*, com Maurice Ronet e Josephine Chaplin — 18 anos.

Segunda-feira, 17 — *Spartacus contra os traidores*, com Rock Stevens e Gloria Milland — 10 anos.

Terça-feira, 18 — *Um gato na ratoeira*, com Virna Lisi e Maurice Ronet — 18 anos.

Quarta-feira, 19 — *A Túnica*, com Richard Burton e Jean Simmons — 10 anos.

Quinta-feira, 20 — *A grande valsa*, com Horst Bucholz e Mary Costa — 10 anos.

Sexta-feira, 21 — *O desesperado*, com Andrea Giordani e Rosemarie Dexter — 18 anos.

CASINO

Hoje, sábado, 15 — *Bolívar, o libertador*, com Maximilian Schell e Rosanna Schiaffino — 14 anos.

Amanhã, domingo, 16 — *Sansão e Dalila*, com Victor Mature e Heddy Lamarr. — A tarde 10 anos, à noite 14 anos.

Segunda-feira, 17 — *Sansão e Dalila* — 10 anos.

Terça-feira, 18 — *Recusa*, com Jeanne Moreau e Jean-Paul Belmondo — 18 anos.

Quarta-feira, 19 — *Viver a sua vida*, com Anna Karina — 18 anos.

Quinta-feira, 20 — *Mulheres sem marido*, com Trish Van Devere e Janet Leigh — 18 anos.

Sexta-feira, 21 — *E tudo o vento levou*, com Clark Gable e Vivien Leigh — 14 anos.

pai do sr. Narciso Dias Correia, sogro da sr.ª D. Adozinda Amorim Correia e cunhado dos srs. Adriano Alves de Oliveira e de António de Oliveira Dias.

À Família enlutada endereçamos as nossas sentidas condolências.

A P. R. P. DIVULGA O CÓDIGO



Ao atravessar uma rua ou estrada, quem caminha a pé deve certificar-se, previamente, de que não se aproxima nenhum veículo.

Olhe primeiro para a esquerda, depois para a direita, ainda outra vez para a esquerda e, se puder atravessar, faça-o com a maior atenção. Evite conversar enquanto atravessa uma rua e não o faça a correr.

Sempre que haja passagens próprias para peões, utilize-as, mesmo que tenha de andar mais alguns metros.

Respeite integralmente os sinais luminosos e para sua abso-luta segurança nunca atravesse com a luz vermelha acesa.

Peão avisado vale por dois e o segundo é a sua melhor testemunha.

GAZETILHA

FESTA DA PADRÃOIRA

Em seu andar, vergel em flor a andar,
Lá vai a doce imagem peregrina,
Como há setenta anos, a ver o mar,
A Senhora d'Ajuda pequenina.

Sempre, de geração em geração,
Vai aos ombros de humildes pescadores,
Homens do mar, que a excelsa protecção
Invocam, no perigo, em seus clamores.

Minha mãe me mostrava a Mãe divina,
Na Rua do Cruzeiro a aparecer;
Seu rosto puro, seu ar de menina,
Ia as bandas da Mata percorrer.

E agora — com ser tudo diferente,
E em vez dos becos que o mar nos levou,
Vir um crescer de ruas surpreendente —
A Senhora d'Ajuda não mudou.

Anda a imagem de sempre na cidade
Em procissão, seguindo outro caminho.
E hei-de de vê-la, com olhos d'outra idade,
Benzer um mar — que afogou o velho Espinho!

ALBERTO BARBOSA (BEKA)

PORTA ABERTA

(Continuação da pág. 1)

O problema dos calções resolvi com «argumentos de peso» porque dias depois recebia uma ambicionada remessa de calções novos.

Fundilhos e remendos continuaram sim na nossa praia!

Temos que defender Espinho inteligente e activamente das investidas do mar, mas quanto à praia central dos nossos bons velhos tempos, estamos conversados. Não podemos nem devemos andar com a barraca às costas. Chega a ser chocante esse espectáculo. Resta-nos sim, uma magnífica espionada com a sempre maravilhosa panorâmica do mar.

Quanto à Praia vamos procurar fazê-la de imediato noutro local. E vamos começar já para a termos na próxima época balnear.

Façamos praias laterais ou melhor façamos acessos que as ditas surgirão como as cerejas.

Falemos hoje do extenso areal a Norte de Espinho. Parece-nos que a entubação que a D.E. foca no seu Editorial de 18/8/73 tem mais proficuidade sobre todos os aspectos que a ponte já alicerçada nos possa dar no futuro. A entubação, se for possível, levar-nos-á sem fronteiras a atravessar o limite que nos é imposto pelo Rio Largo.

A necessária ligação rodoviária que nos possa conduzir no futuro à estrada 109, não tenhamos ilusões, vai demorar. Há que fazer o viaduto e as expropriações sempre demoradas implicarão inevitavelmente. Além disso essa via terá que ser exigentemente actualizada, com características de auto-estrada do nosso tempo, porque convenhamos será o acesso n.º 1 e consequentemente o primeiro digno desse nome a servir a nossa querida terra.

Esta ligação que desejamos fosse feita da noite para o dia, tememos que ainda venha a demorar milhentas noites.

Vamos, portanto, sem subestimar a necessidade desta via há tantos anos sonhada, pensar numa outra que ligue Espinho à Granja pela orla marítima.

A nossa Avenida 8 não pode termi-

nar ali (na Cabana) como se as dunas que se vêem ao longe fossem fronteiras ou fantasmas, quando não passam dum simples «muro de vergonha» fazendo da Granja um lado de lá proibitivo.

Custa ver sem vida aquele magnífico areal de três quilómetros, areal do qual somos famintos. Aquela reentrância qual enseada receptiva de meigas ondas. Aquelas terras marginais e virgens tão fáceis de lhes instalar rodovias, parques automóveis, e novas e modernas praias sem impedimentos, moldando-as a bel prazer extraindo frutuozas vantagens tão ao nosso alcance...!

...e medito no marasmo, anos de «fundilhos» que teimamos em conservar.

Nada se fez entretanto para ligar por estrada a orla marítima entre dois concelhos que lhes traria reciprocamente tantas vantagens.

A Natureza não obstante o muito que nos tirou, não deixou de ser pródiga em dar-nos «pano para mangas» para que não ficássemos atreitos à recordação e saudade da praia, central carpindo eternamente a sua perda. Todos nós nos devemos culpar por não aproveitarmos os dons que nos oferece em alternativa a própria natureza. Esta com as suas contrariedades e as suas dávidas desafiou-nos a reagir, e ser audazes e a ser empreendedores, e quem não o for... «chapéu»!

Vamos pois desbravar caminho, ligando os dois concelhos que de tão prósperos mais carecem de vias (e muitas) de bom acesso.

Dirão que se assim for, os banhistas de Espinho passarão a deleitar-se nas areias da extrema de Vila Nova de Gaia!? E que mal virá a Espinho que assim aconteça?

O nosso progresso muitas vezes está no crescimento do que nos rodeia, mesmo que não seja verdadeiramente nosso!

Criemos pois caminhos para novas praias! Com elas virão mais calções e mais... «bikinis»!

A. DUARTE ESTÊVÃO

POSITIVOS & NEGATIVOS

As obras têm de ser feitas. A maioria está de acordo. Como também se compreenderá que a melhor época é a do bom tempo. Embora, é evidente, numa terra de índole turística como Espinho, isso possa ser um bico de... obra.

Senão vejamos. Temos aí os trabalhos da renovação da via férrea e da passagem inferior para peões. A barafunda que aquilo tem causado, minha gente! Quantos problemas!

Todavia, bonda que se verifique, também não há, na orientação desses serviços, a devida acção racional e funcional que se exigiria. No que respeita à renovação da via, cremos que poderiam ter determinado as coisas por forma a, em certos pontos, não se colidir com o movimento intenso das horas de ponta. E, também, podiam ter acertado o passo, de maneira a não barrarem simultaneamente todas as passagens de nível. Podiam, mas não o fazem.

No tocante às obras da passagem inferior, já que não puderam, não quiseram ou não foi possível (?) entaipá-las, teria sido bom que, às sextas-feiras, quando suspendem os trabalhos até à segunda-feira seguinte, arrumassem e limpassem as áreas adjacentes, pontos de passagem obrigatória de milhares de pessoas que, sobretudo ao sábado e domingo, invadem a nossa cidade.

— x —

Na altura que escrevo, ainda não vi se há mais. Mas vi uma, para modelo e chegou-me. Lá no sul, na Rua 41, para quem vem da Avenida 24, puseram, finalmente, uma placa a indicar que, para baixo, se vai a caminho do Aero Clube da Costa Verde, unidade de elevado interesse turístico que, durante muito tempo, não mereceu uma placa indicadora.

Veio, agora, e convenhamos que mais vale tarde do que nunca, embora a placa seja minúscula e, pior do que isso, tenha inscrito exactamente o seguinte: A. CLUBE.

Se é para indicar o AERO CLUBE DA COSTA VERDE, só com muito boa vontade. Não diz nada. Se é para dizer que, para aqueles sítios indicados pela ponta da placa, existe um clube, então está mal escrito e devem corrigir pondo: HÁ CLUBE.

— x —

Há por aí certos boeiros que, ultimamente, servem para despejo de gorduras de estabelecimentos que se dedicam a assar frangos ou a fazerem grelhados. Imaginam como ficam os boeiros e imediações, onde se extravasam os líquidos gordurosos que escorrem dos frangos ou dos «pregos».

Mais uma motivação para sujarem

esta terra, em manifestação de pouco civismo, por parte de quem só se preocupa em ganhar o dinheirinho, não se importando de conspurcar a via pública com uma sem-cerimónia de pasmar! Sabemos que já houve queixas a quem de direito, contudo continuamos a reparar que certos boeiros, nas imediações de alguns estabelecimentos, permanecem pasto de despejos de gorduras e apresentam uma imundície tremenda.

Há que fazer a necessária fiscalização e aplicar aos prevaricadores as sanções. Os abusos têm limite!

C. S.

NOVA CIDADE CIDADE NOVA ?

(Continuação da pág. 1)

Quem dá uma volta pelo mercado sai de lá horrorizado com as tabelas. Tudo caro. E também mal apresentado e pior embalado, ao tempo e à prova de moscas.

Mas há coisas que não são lá como cá.

Por exemplo, o caminho de ferro, factor de indiscutível progresso, lá, não perturba a vida da cidade.

Outro exemplo? Transportes urbanos a ligar vários pontos da cidade.

Outro ainda? Sim, outro e muitos mais. Mas também não admira, pois, sempre se trata de uma capital de distrito, que dispõe de verbas superiores e de maiores ajudas. Conta com gente há muito enraizada nos meios públicos e políticos influentes, que, chegada a altura, consegue demover barreiras e incompreensíveis dificuldades.

É o que falta à nossa cidade. Mais apoio. Mais respeito pelos problemas urgentes. Mais colaboração com uma Câmara que tem lutado pela realização de serviços bem justificados. Que tem procurado, desde a primeira hora, vencer inércias que contrariam o desenvolvimento cidadão.

Reunião ministerial concedeu a Espinho o título de cidade. Uma nova-cidade. Foi atitude oportuna, que na altura própria se soube reconhecer.

Agora são necessárias outras concessões complementares. Despachos de execução obrigatória e imediata.

É urgente que a nova-cidade se projecte em cidade-nova.

A. A. G.

LAGOA DE PARAMOS E O SEU ACESSO

Li no último número da Defesa um artigo com o título «LAGOA DE PARAMOS» que mereceu a minha especial atenção e também o meu aplauso, já porque o referido artigo, em minha opinião, só pode pecar pela demora, mas também porque assim a Defesa começa a não se limitar aos problemas de Espinho-Espinho e consequentemente a referir os assuntos dos localidades componentes do seu concelho, o que considero da maior importância.

Enquanto procedia à leitura recordava as inúmeras vezes em que pensei escrever para PORTA ABERTA referindo o estado lamentável em que se encontra o acesso à Lagoa, designadamente na parte que liga o Aero Clube à Lagoa de Paramos e respectiva Praia, por onde apesar disso continua a haver bastante movimento, de veículos automóveis.

Tenho-o evitado, porém, porque reconheço quanto a actual Junta de Freguesia de Paramos tem feito no respeitante a caminhos, o que tornou já realidade a

abertura de mais de uma dezena de quilómetros de ruas de grande projecção para esta zona, e que justificam uma dedicação para esta Junta de Freguesia, empenhada em melhorar, como convém, os novos acessos, dando origem a um trabalho exaustivo.

Tal facto é que não devia impedir que alguém dedicasse um pouco mais de atenção ao praticamente único acesso à Lagoa de Paramos, numa altura em que tanto se fala em turismo e na defesa das riquezas Naturais.

Mas, reflectindo bem sobre o lastimável e perigoso estado da Lagoa e no dos seus acessos, até fico a pensar no ditado que diz: «Há males que vêm por bem». De facto, com acessos neste estado sempre serão menos as pessoas que conseguirão chegar aos pontos onde se poderão tentar e tomar banho nas mornas mas infectas e insalubres águas desta desprezada e prejudicada Lagoa.

DOMINGOS MONTEIRO

A PREVENÇÃO RODOVIARIA PORTUGUESA lembra que...

...no comer e no beber está muitas vezes o equilíbrio duma vida sã. Para quem conduz, esse equilíbrio pode significar a própria vida.

A PREVENÇÃO RODOVIARIA PORTUGUESA lembra que...

...conduzir em jejum pode ser tão inconveniente como pegar no volante depois duma refeição em que afundamos toda a nossa capacidade de reagir. Em viagem, alimente-se, mas não cometa exageros.

GRANDE CASINO DE ESPINHO



ONDE O
NORTE
SE
DIVERTE!



• MÚSICA DE BAILE •

Pelos apreciados Conjuntos de

JOSÉ QUELHAS-TONY SAMPAIO

e **LOS WINDY'S** (*espanhol*)

• VARIÉDADES •

SCHOCK SHOW BALLET
BAILARINAS

MARGOT & CHIVERTO
BAILARINOS ACROBATICOS

LOS 3 SOLES DEL PARAGUAY
MAGNÍFICO TRIO VOCAL

TONY DE MATOS

Conhecido cançonetista da Rádio e T. V.

NO SALÃO DE FESTAS

Matinéas Dançantes (M 6 anos)

Aos DOMINGOS às 16 horas com o

QUARTETO TONY SAMPAIO
SLOT - MACHINES

• CINE-TEATRO •

SESSÕES TODOS OS DIAS

AQUI CARACAS!

ONDAS DE ESPINHO...

Era lógico. Não podíamos dizer que não. Estávamos no hotel Tamanaco em colóquio ameno. De repente, o Arquitecto Jerónimo Reis «dispara»: Couto, a rapaziada quer que você seja o correspondente da «Defesa de Espinho», aqui em Caracas. Surpreendeu-me a notícia! E tempo disponível? — atalhei no momento exacto. Intervém Manuel Violas e diz: «Ele aceita, pá». E foi tudo. Não pude retroceder... nem alegar nada em defesa própria. Recordei, então, que à Defesa já tinha dado dezoito anos de colaboração, quase ininterrupta. Gosto de escrever, é certo, mas com nove anos de residência aqui na Venezuela é facto que às vezes saem umas espanholadas... gramaticais. Aceitei — tive que aceitar — e dentro do condicionalismo de que disponho — fora da terra o tempo é sempre escasso para os afazeres profissionais — aqui estou, «preso» à caneta para contar coisas de... longe. E devo confessar que no estrangeiro, nunca ouvi falar tanto de Espinho nem em Espinho como na actualidade. Essa terrinha pequenina, acolhedora, moderna, elegante e linda, agora cidade para o enlevo de todos — de todos, frise-se — dos seus filhos ou daqueles que dela estão enamorados — e serão tantos! Lembro, a propósito, o calor dessa grande noite espinhense de 4 de Agosto, no hotel Tamanaco, quando a nossa simpática e ilustre Embaixatriz dizia: «Que pena eu não ser de Espinho!»

criolla (venezuelana). Brindes ao feliz casal e o nome de Espinho a bailar nos lábios de todos.

— x —

Encontramos nesta Venezuela enorme, onde a incontida alavanca do progresso não cessa os seus objectivos, ora rasgando auto-estradas ou estradas aéreas ou, ainda, elevando ao céu edifícios de quarenta ou cinquenta andares, o reverendo Manuel António, abade de Silvalde, acompanhado do sr. Carlos Marinheiro e da esposa deste. Missão: angariar fundos para a conclusão das obras da igreja matriz dessa progressiva freguesia espinhense.

— x —

O Orfeão Universitário do Porto também está entre nós. As suas setenta figuras já *brilham* nos palcos do Teatro Municipal, em Caracas, Teatros da Ópera em Maracay e Maracaibo e no salão da Aula Magna da Universidade Central de Venezuela. A imprensa local deu ao acontecimento o merecido relevo e o Centro Português de Caracas — principal autor da iniciativa — encontra-se de parabéns. Iniciativas desta natureza fazem falta, pois dão projecção à Colónia e enaltecem o nome de Portugal.

— x —

Veio até nós, em missão profissional, o Francisco Castro. Foi mais um espinhense que se juntou ao rebanho, embora por pouco tempo. Mostra-se surpreendido com a grandeza de Caracas e com a afabilidade vareira nesta longínqua Pátria. Como não podia deixar de ser, falou-nos de Espinho e do seu desusado movimento balnear, o que muito nos alegrou.

Hasta pronto, amigos.

ERNESTO COUTO

PRISMÁTICA

De Espinho ao Porto, rapidamente em... 41 minutos...

Um dia destes, tive de ir ao Porto. Era fim de tarde. Recorri à camioneta, já que os comboios andam, no tocante a horários, numa balbúrdia dos diabos. Agora é por causa da renovação da via. Antes era por causa de não haver via. Esperemos pelo depois.

Bem, mas voltemos à camioneta. Para me entreter, dei comigo a fazer o controlo da viagem, para ver o que se passava nos 15 kms., mais metros, menos metro, entre as duas cidades. Rapei de papel, assentei os minutos todos e preparei-me para tomar apontamentos. Eram 17,15 h! Marcava assim o horário à partida. Saimos às 17,22 h. Um minuto depois, a primeira paragem e às 17,24 1/2 h. parou-se outra vez. Duas paragens ainda dentro da nossa cidade.

As 17,27 h. paramos e repetiu-se meio minuto depois. As 17,29 h. nova paragem, embora a tabuleta indicativa fosse do outro lado da estrada. Havia gente a fazer sinal. As 17,32 e 17,34 h. mais duas vezes. Meio minuto depois, ou sejam doze após a partida real, tínhamos percorrido 3 kms., já que uma tabuleta dizia que Espinho ficava a tal distância! A média espantosa de 15 kms/hora!

As 17,35 h., aos 36 (com tabuleta do lado contrário), aos 36 1/2 (para entregar um pacote de jornais), aos 38 1/2 aos 41, aos 42 (com tabuleta lado contrário), aos 43 1/2, aos 44 (com tabuleta do lado contrário), aos 45, 46, outras tantas paragens.

As 17,35 h., aos 36 (com tabuleta do lado contrário), aos 36 1/2 estrada. Fazendo a média, teremos 19,2 kms/hora! Melhoria sensível!

Parámos então às 17,50, 51 1/2, 53, 54, 55, 57, 58 e 59 1/2, sendo as seis últimas já dentro de Vila Nova de Gaia. As 18 h. demos entrada na Ponte, portanto atingimos o Porto e dois minutos decorridos paramos. As 18,03 h. atingimos a garagem e terminou a viagem.

Viagem para percorrer 15 kms., saindo com um atraso de 7 minutos, para se parar 26 vezes, o que dá quase uma média de paragem de 500 em 500 metros, que demorou, segundo o horário da partida (17,15) e pela hora da chegada (18,03) nada mais, nada menos do que 48 minutos. Se descontarmos o tal atraso na saída, ficamos com 41 minutos de viagem para fazer os tais 15 kms., à média soberba de 21,9 kms/hora!

Isto em pleno século das velocidades e para ligar duas cidades, centros urbanos de grande movimento e interligados em variadíssimos aspectos, necessitando de ligações rápidas, como o exige o ritmo febril dos dias de hoje.

Mesmo com todas as cautelas louvavelmente recomendadas na estrada, isto tem que ser um exagero, prejudicando muita gente e estando fora de todas as realidades da vida moderna.

Este apenas um aspecto, mas outros há neste capítulo das ligações entre a cidade de Espinho e o Porto, segunda cidade metropolitana, à qual vivemos umbilicalmente ligados, dignos de um estudo, porquanto se apresentam desactualizadíssimos e confrangedoramente impróprios para servirem da melhor maneira e como o impõem as realidades do quotidiano.

E, caramba, já são horas de, quer de comboio, quer de camioneta, pois nem todas as pessoas têm automóvel, os 15 kms. que ligam Espinho ao Porto serem percorridos em tempo deste tempo, havendo meios de transporte a horas convenientes e a outras horas em que fazem falta e, incompreensivelmente, não há.

CARLOS SARRIA



APOIO FIRME AO TRABALHO NACIONAL



*em qualquer parte
onde você esteja
nós estamos consigo*

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO



VENDE-SE

BAIRRO de cinco moradias com 500 m² de quintal, em Sales - Silvalde, denominado «Bairro de Chaço». Informa pelo telefone 921044 das 9 às 13 horas

Passa-se EM ESPINHO

Casa de pasto «BARRAÇÃO»
Junto á feira semanal

Contactar pelo telef. 920667

VENDEDORES DE AUTOMÓVEIS — FORD —

MANUEL ALVES DE FREITAS & C.A L.D.A.
PALÁCIO FORD — Filial de Oliveira de Azeméis

Somos o mais antigo concessionário «Ford» do País. Procuramos 2 vendedores. Nossa área vai a: Oliveira de Azeméis — Vale de Cambra — Sever do Vouga — Castelo de Paiva — Albergaria — Ovar — Vila da Feira — Espinho e eventualmente todo o Distrito do Porto. Dificilmente temos vagas. Esta poderá ser sua. Oportunidade de ingressar numa firma sólida e em uma marca prestigiadíssima. Conseguindo uma carreira rentável através de ordenado, comissões e prémios de produção. Bom ambiente de trabalho e regalias sociais.

Desejamos:

Idade até 35 anos — Casado — Boa apresentação.
Instrução: Frequência liceal ou equivalente.
Experiência preferível mas dispensável.

Fundamentalmente queremos:

Personalidade. Tato e prestígio do autêntico homem de vendas.

Respostas: Comparecer diariamente das 9 às 11 horas em nossa Filial de Oliveira de Azeméis.

SALAS DE ESTUDO OLIVEIRA MARTINS EXTERNATO Largo da Graciosa n.º 43-1.º e 2.º ESPINHO

Preparação intensiva para o ciclo preparatório, 2.º e 3.º ciclo liceal.
Centro de explicações até ao 7.º ano.
Informações e inscrição: provisoriamente na Escola Dactilografia Delta,
TELEFONE 921655

VENDE-SE

Casa e estabelecimento na
Rua 4 n.º 1478
ESPINHO

Bons Estabelecimentos

À beira-mar, na esplanada, junto ao Hotel Praiagolfe, alugam-se Falar no local ou por telefone 92 09 74, das 15 às 18 horas.

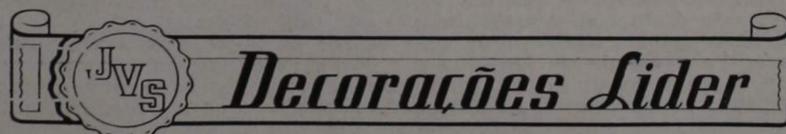
TRAQUINA

DE
LEMONS & SOARES, L.DA

Rua 16 N.º 533
Tel. 920569
ESPINHO

TUDO PARA O BEBÉ

CONFECÇÕES
MALHAS
HIGIENE INFANTIL
BAZAR



TAPETES • ALCATIFAS
CARPETES • PAPÉIS DE
PAREDE

DE JACINTO VALENTE DOS SANTOS
Rua 18, 991 • Telef. 920723
ESPINHO

A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA lembra que . . .

...uma refeição pesada torna também pesados e lentos os nossos gestos. Conduzir nestas condições é sujeitar-se a graves riscos.

A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA lembra que . . .

...as nossas reacções são muito diferentes após uma refeição em que nos alimentamos e após outra em que nos «empantorrámos». O trabalho da digestão inutiliza-nos. Chama ao estômago sangue que é necessário ao cérebro.

A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA lembra que . . .

...ao volante precisamos de todos os nossos recursos; o álcool destrói os mais importantes e deixa-nos desamparados no meio do perigo.

A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA lembra que . . .

...deve beber com moderação antes de pegar no volante. Não é só a embriaguez que nos faz perder os reflexos necessários para uma boa condução. Uma percentagem mínima de álcool pode ter esses efeitos.

Descrições & Indiscrições

Pois vamos falar de quê? Da cidade de Espinho não se falou já de mais, é certo, mas foi o suficiente para realce do pouco que se escreveu para traduzir a sua enorme importância.

Falemos de..., de..., de mesologia, por exemplo, mais exactamente de situações humanas, da educação dos povos, do carácter das pessoas. Efectivamente é um tema que nos pode conduzir a longas controvérsias, já que jornal no seu estudo ou interpretação arqueológica é informação e a todos interessa. Recordemos, por exemplo, o verso de Terêncio cuja final: «*Sou homem*: tudo o que é humano me interessa», revela a amplitude desta asserção.

Diz-nos a Bíblia que o mundo acabará um dia. E... porquê? Quando? Onde? Como? Eis as perguntas-chave do jornalismo. Até lá, porém, até a esse infinito vejamos o titilante proceder do mundo que nos rodeia.

A poluição é enorme e é proveniente da terra, do mar e do ar. Vai dia-a-dia, lentamente, diminuindo, atacando e destruindo forças vitais da natureza. Quanto maior o progresso, proveniente da técnica, pois maior a diminuição da natureza.

Depois, a incompreensão dos povos, os ódios, as guerras, a preversidade, então, a falta de educação moral e cívica.

Precisando exemplos concretos desse dia-a-dia, constitui ofensa à moral pública, ao brio e à dignidade, os fabulosos ordenados pagos pelas «empresas de futebol nacional» aos seus empregados-jogadores, sem que sobre o valor das transferências incida um ónus; a forma dispar, atropelante, do condutor de automóveis, procurando ser essencialmente egoísta, desrespeitando regras de trânsito, limites de velocidade a amizade que *deve* ao seu semelhante. E, como assim, devido a uma inconsciente, deficiente e irresponsável educação constitui prazer transformar a Terra que nasceu sob o signo da cor verde em lençóis de sangue e de lágrimas, na consequência.

Antes da máquina ser máquina, o homem já era homem. Ou é o homem igual à máquina, igual a besta, irracional? Em que ficamos, afinal? A Rússia diz como Pompeu: «Quem não é por mim é contra mim». Sejamos pois, como os Estados Unidos e como Cesar: «*Quem não é contra mim é por mim*».

Ainda há tempos morreram cinco pessoas e três ficaram gravemente feridas num espectacular acidente de viação ocorrido ali perto dos Carvalhos. Não é, *a priori*, imprudência a velocidade; e, sim, a manifesta falta de atenção por aquilo que se vai a fazer, pela máquina que se conduz, quanto à sua estrutura e funcionamento. A Polícia não pode estar em todo o lado ao mesmo tempo, para reprimir esta negligência, esta irresponsabilidade. Como nos recordamos, tratava-se dum automóvel de matrícula francesa, transformado em habitação de loucura, da morte. Os emigrantes. Emigrar é um acto, mas emigrante é um adjectivo e pode tornar-se substantivo se se fala de A, B ou C. O nosso patricio porventura lançado na aventura do dito pelo «volfrâmio» ou pela «árvore da pataca», depressa esquece a sua condição e, na circunstância, pois aí está ele, de «vacanças» a divertir-se no seu meio, com o que concordamos em absoluto, mas discordamos é que ultrapasse as regras mais elementares do bom viver e, no contacto com as pessoas, se adúltere, deixando de ser português e, na estrada conduza a negruras velocidades, seja qual for o seu estado de espírito, esquecendo-se do português seu conterrâneo, de Portugal onde nasceu e das suas leis. Os franceses, caro emigrante, dizem: «*C'est dommage...*»!

Outro aspecto de pobreza, de pena, de dó, quicá causa do pouco progresso de mentalidade é a intenção premeditada de prejudicar, de lesar, levando-nos a tirar ilações de que ainda existem, aqui e além, os «senhores» e os «vassalos» da Idade Média. Com efeito, há dias em viagem de turismo, próprio do actual período de férias, estivemos na povoação de Foz do Dão onde, perto, vai ser construída a Barragem da Agueira que, para desenvolvimento nacional é destruída aquela localidade e, por via disso, naturalmente, criará sérios problemas de ordem moral e material aos seus naturais. Então, dizem-nos estes estarem as expropriações a ser praticadas à guisa de feira, oferecendo-me 5 para ficar por 10 num terreno que vale 50. Mesmo por 10 e mesmo por 50, quem responde pelo desalojamento das pessoas, na sua situação moral? É preferível que as pessoas continuem como estão, habituadas à sua pequenez, acostumadas a viver. Sobreviverão? A quem caberá a resposta? Que diabo! Se o rosto é o espelho da alma, no dizer de Cícero, em Roma todos são Romanos, porque é que em Portugal não somos todos Portugueses Ou é tudo isto o chamado «*negócio da China*»? Quem responde com isenção?

Acaso não teremos todos os mesmos direitos? Apesar de tudo, seja como for, continuamos a pensar e a concluir que hoje não há homens maus. Confiamos, pois, que a justiça se praticará, já que ela foi instituída por via de princípios cristãos e desenvolvida pelo Homem. Confie, pois, para bem de todos na máxima:

«O homem morre, mas o homem não!»

MATEUS FERREIRA-FILHO

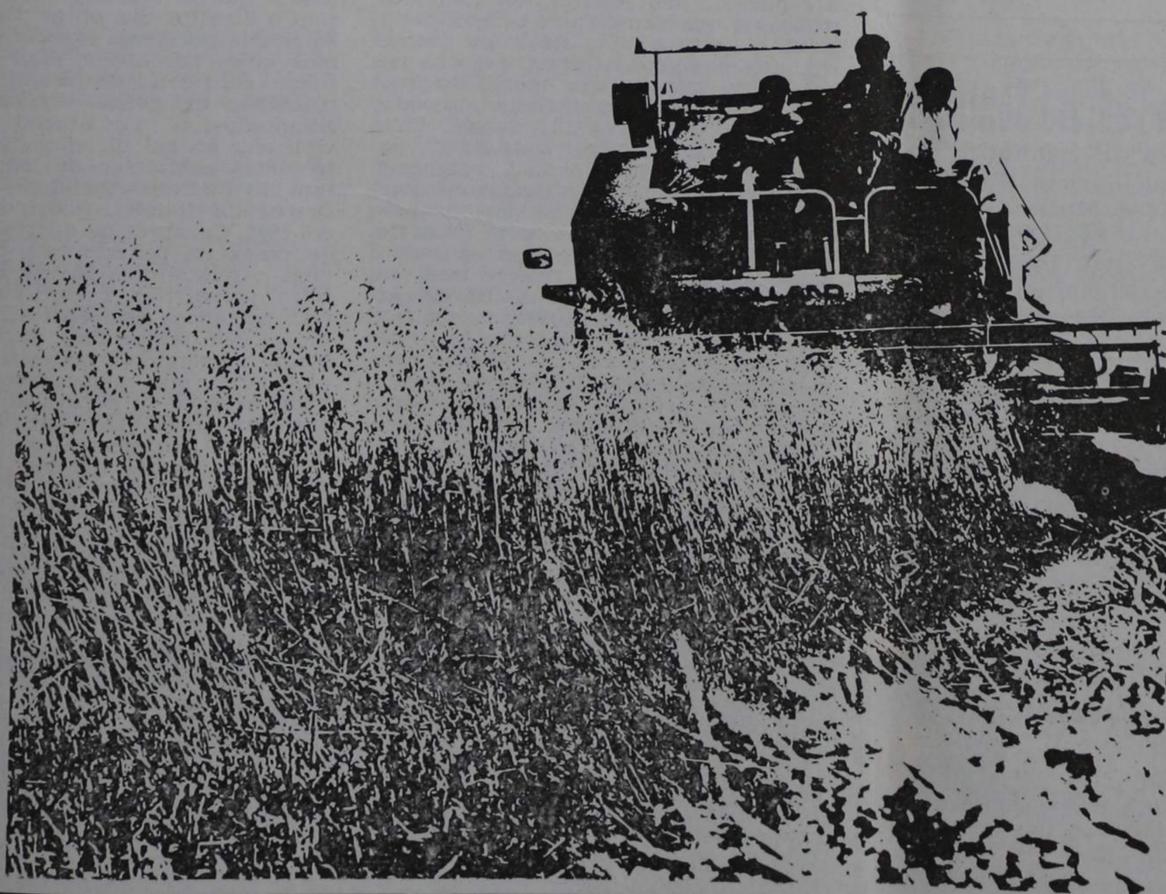
Valorize as suas propriedades utilizando o crédito agrícola da caixa geral de depósitos

Disponha dos meios necessários para aumentar o rendimento das suas propriedades. A compra e adaptação de terrenos, a construção de edifícios afectos à exploração, a compra de alfaías e máquinas agrícolas, de sementes e plantas, de adubos, fungicidas e insecticidas, de gado de exploração ou de trabalho, a remissão de hipotecas, são alguns dos casos em que pode beneficiar do Crédito à Agricultura da Caixa Geral de Depósitos, em prazos que poderão ir até 10 anos.

Exponha o seu caso à Caixa Geral de Depósitos, na sede ou em qualquer das suas dependências, que estudará a solução mais conveniente para si.



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO



J. PINHEIRO DE MORAIS

MÉDICO

Clínica Geral

Diagnósticos

Consultas com hora marcada

Rua 20 n.º 390

Telef. 920452

ESPINHO

Carlos Matos Viegas
MÉDICO**Clínica Geral**

Boca e Dentos

Rua 19 n.º 304 1.º Dt.º — Tel. 921024

José Luís F. Barbosa

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações

Consulta todas as 3.ªs feiras a partir das 14 horas, na Policlínica do Dr. Miranda Valente — Rua 31 n.º 321 — Espinho — Telefone 920689, p. f. marcar consulta.

Dr. José Manuel Gomes de Almeida

Clínica Médica e Cirúrgica

RUA 19, 364-1.º - ESPINHO

Consultas marcadas pelo tel. 921218

CASA DE SAÚDE DE ESPINHO

Reabriu para internamento em Cirurgia, Partos e Medicina, estando ao dispor de todos os Clínicos

Dr. Rogério Ribeiro

Médico Especialista de Medicina Física e Reabilitação

Consultórios: Rua 20 n.º 500-1.º — Telefone 921 014

Rua Santa Catarina, n.º 778-1.º — PORTO

Telefone 33868

Centro de Enfermagem de Espinho

III

Uma Organização

Rua 16 n.º 868

Tel. 921587 (das 8 às 24 h.)

Tel. 922329 (« 8 às 24 h.)

ESPINHO

ao Serviço do

MÉDICO e do DOENTE.

Em Breve...**Dr. Ferreira de Campos**

Advogado

Telefone 920805 Rua 11-877

ESPINHO

Dr. Lima Santiago

ADVOGADO

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

José Oliveira

Solicitador encartado

ESCRITÓRIO:

Rua 19 - 401-1.º — Tels. 920093
920959 P.F.

RESIDÊNCIA:

Rua 9 - 868 — Tel. 920770

Dr.ª Emília Pedrosa Santiago

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16
às 19 horas**COLÉGIO DE N.º S.º DA CONCEIÇÃO**CURSOS: Liceal • Ciclo Preparatório • Primário • Infantil •
Iniciação Musical • Artes Plásticas e Decorativas •
Música com Exames no Conservatório • "Ballet" •

Telefone 920303 - ESPINHO

**O máximo em qualidade!
Do melhor em apresentação!**

O bom gosto e eficiência, são atributos do relógio "CAMY", a mais preciosa das jóias.

Está na hora de acertar: compre "CAMY"!

**LIVROS
E
AUTORES****A COLEÇÃO UNIBOLSO**

A preço acessível e com absoluta regularidade, semanalmente continua a ser postas à venda as edições da Coleção UNIBOLSO — BIBLIOTECA UNIVERSAL. Esta interessante iniciativa de cinco casas editoras — Bertrand, Livros do Brasil, Verbo, Átila e Ulisseia, permite a leitura de grandes obras de autores nacionais e estrangeiros. Os últimos volumes publicados são: «Focus», de Arthur Miller; «Uma Família Inglesa», de Júlio Dinis; «O Jogo», de Carlo Coccioli; «Que faz correr Sammy?», de Budd Schuberger; «Um certo Capitão Rodrigo», de Erico Veríssimo; «Ressurreição», de Leão Tolstói e «As Palavras», de Jean-Paul Sartre.

AS CLASSES SOCIAIS

Acaba de sair a 2.ª edição de «As Classes Sociais», de Georges Gurvitch. Um livro útil, sem dúvida. A prova está, até certo ponto, no facto de a 1.ª edição saída há menos de dois anos, se ter esgotado.

Gurvitch expõe, nesta sua obra, o conceito de classe social em Marx, Pareto, Max Weber, na moderna sociologia americana, etc., dando ao leitor uma ideia clara e rica do que é uma classe social. (Edição de Iniciativas Editoriais).

DICIONÁRIO DA LITERATURA PORTUGUESA E DE TEORIA LITERÁRIA

Saiu o 9.º fascículo do Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária, dirigido por João José Cochofel. Uma obra tão importante como o Dicionário de História de Portugal, publicado pela mesma editora (Iniciativas Editoriais, Lisboa).

Neste fascículo destacam-se os artigos: Relações entre a Literatura Portuguesa e a Literatura Árabe, por Pedro Cunha Serra; Arcádia Lusitana e Arcadismo, por Guilherme César (professor brasileiro) Arcaísmo, por Rosado Fernandes; O Arco de Santana, por António Álvaro Dória; Aristotelismo, por José Sebastião da Silva Dias.

O fascículo é profusamente ilustrado (reproduções de Bartolomeu Cid, Almada Negreiros, Pedro Perret).

**Um olhar sobre o terreno
que o mar nos levou**

Continuação da página 10

zando e em fúria destruiu o pavilhão colocado no ângulo norte da Piscina, onde estava um complexo sistema destinado à purificação da água, inutilizando-o totalmente. Também derrubou parte do muro e inundou o tanque grande, enchendo-o de destroços, causando sérios prejuízos! Foi levantada então uma escarpa-defesa, com pranchas de madeira em sentido de grade, com pedra no interior, que parecia de certa resistência, mas que mais tarde se verificou não corresponder ao desejado fim, porque o mar em novo assédio logrou novamente causar prejuízos mortais destruindo-a, embora não tivesse causado nada de maior ao edifício. A esplanada não resistiu, ficou em destroços, o que consternou toda a população e por isso, tão doloroso acontecimento teve grande repercussão na imprensa de todo o país, mercê do qual o Governo resolveu mandar proceder ao estudo definitivo da defesa. Cabe aqui dizer que, o mar sem fazer caso dos esporões reduziu tudo a escombros e por isso ficou definitivamente comprovado a sua ineficácia somente pelo seu poder! O estudo das obras foi entregue a dois engenheiros portugueses e por eles apresentado como tese, no Congresso Internacional de Navegação, que no referido ano de 1949 se realizou em Lisboa — por coincidência — do qual faziam parte as mais cotadas competências da especialidade, de todo o mundo! O projecto constava de duas partes com alternativas, se primeiro: «Defesa da praia» ou «Defesa da Vila»? Ora segundo informações do dr. Oliveira Salazar — que aqui veio ver os estragos — optou pela «Defesa da Vila» (frontal) e depois o resto! E a verdade é que o Congresso também aprovou a urgência da «Defesa da Vila». E assim, em bora hora, sob a direcção do já falecido engenheiro Tovim as obras realizaram-se. Os alicerces firmaram-se na rocha, o que deu à obra certa segurança e a verdade é que até agora ela tem feito barreira ao mar, contudo a ver vamos se de futuro as coisas se complicarem mais fortemente, ela resistirá. É certo que, nunca foi posto de parte o complemento dos esporões, pois fazem parte do projecto. Tão somente a sua extensão nunca iria além de 30-90 metros; os técnicos lá tinham as suas razões...! Ora já depois das obras concluídas, os defensores dos esporões,

considerados como elixir único para o nosso mal, começaram a proclamar o seu prolongamento, o que se tem verificado ser ineficaz! Incógnita do mar? Fixemos as nossas esperanças nos profissionais, eles por certo dirão o caminho a seguir e que seja depressa! Desajamos aqui inserir que, o mais acérrimo defensor da defesa só com os esporões e depois do seu prolongamento, pouco tempo antes de falecer, deu motivo a uma troca de impressões sobre o assunto e ele, num gesto que muito o nobilitou, não pôs em dúvida ter-se enganado! Há testemunhas deste implícito facto. Ele que sempre se mostrou hostil contra a «Defesa Frontal» circunstância que o levou a cortar relações com o director das obras. Os seus zelos bairristas por vezes excediam-se...! Fizemos largo parêntesis, mas vamos continuar com o fio da meada. Quando os trabalhos da defesa estavam bastante adiantados, o mar atacou com muita violência ao sul da vila, destruindo as restantes habitações do lado poente da Rua do Cruzeiro, incluindo o chamado Bairro da Rainha, mandando construir em 1891. Constava de quatro quarteirões de casas de pedra e cal, dois virados para o mar e dois para a Rua do Cruzeiro, actual Rua 2, com quintais e outros pertences necessários a cada habitação. Pelo tempo fora, parte das casas foram passando de mão em mão e algumas havia que nunca receberam qualquer espécie de reparação e por isso encontravam-se quase em ruínas quando o mar as surpreendeu e destruiu, acabando com certa miséria. Deste modo, ficou livre de habitações até ao Brandão Gomes, a Rua do Cruzeiro. Nesta fase verdadeiramente crítica, deve-se ao engenheiro Tovim, o mar não ter atingido o Campo de Futebol e outros prédios do lado nascente, pois de noite e de dia os seus homens nunca pararam de deitar pedra nos sítios mais atingidos. Foi, inegavelmente uma luta do homem com o mar! Então a seu tempo a defesa foi prolongada até ultrapassar a Fábrica Brandão Gomes, que já tinha perdido aproximadamente cem metros de edifício. Até agora mais nada de novo para o sul, mas para o norte da Piscina, torna-se necessário o prosseguimento da defesa até à praia da Seca, do mesmo tipo da Defesa Frontal!

J. TATO

desporto

ORIENTAÇÃO DE
ROLANDO DE SOUSA

CONSCIENTEMENTE, O MEU PLANO
VISA DAR AO S. C. E. AS BASES PARA
O MELHOR FUTURO!

FUTEBOL

CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO

— salientou-nos o Dr. Gomes de Almeida!

O Lito «mata-te!» Disseram-se assim, à guisa de laracha, que podia definir um estado de espírito, quando, há quinze dias, o procurei para lhe solicitar a entrevista. Foi no Campo da Avenida, antes do encontro com o Boavista e, no dia anterior, tinha saído nestas colunas o «Tento na bola...».

Falei com o Lito — aliás na circunstância o Dr. Gomes de Almeida, presidente da Direcção do S.C.E. — e, sem haver mortes, aprazamos o diálogo para a noite de segunda-feira, à noite. Procurei-o na sede do Clube, onde, segundo uns «zuns-zuns», havia, entre dirigentes-desportistas, uma minoria que se mostrava na disposição de vetar o acesso do jornalista às instalações.

Mas, claro, o Dr. Gomes de Almeida, recebeu-me com a lhanza de trato que se esperaria, num clima que se pode conceber entre dois antigos colegas, de muitos anos, dos bancos do «velho» S. Luís, e sentados frente-a-frente à mesa de um café, demos início ao «bate-papo», embora durante cerca de uma hora com o cunho de «privado». Durante esse período, entre nós dois não se deixou de «discutir» o artigo que eu assinara, mas, precisamente, com cada qual a defender os seus pontos de vista com elevação, dando ao outro o pleníssimo direito de discordância, todavia «cara-a-cara». Enfim, há dirigentes e dirigentes, desportistas e desportistas, homens e homens.

Podemos não ter saído de acordo total, mas verificou-se que o presidente e o jornalista se fizeram compreender mutuamente e cabe aqui, até, uma palavra de simpatia do último para o primeiro pelo facto de, com o microfone do gravador fechado, o Dr. Gomes de Almeida ter explanado considerações meramente privadas cujo sigilo, claro, respeitamos.

Mas, vamos lá transcrever a entrevista que o jovem, entusiasta e intemperato, Presidente da Direcção do S.C.E. nos concedeu.

— Como aceitaste um cargo da natureza do que desempenhas, considerando a tua vida particular?

— Falaram-me ao coração e, embora eu saiba dos sacrifícios que me serão exigidos, achei que devia aceitar, já que o convite não era novo e ia servir o meu Clube.

— Mas, ao que parece, impuseste desde logo, e a ti próprio, medidas «revolucionárias» para a tua gerência?

— Acho que a hora é de opção e, sem perdermos as estribeiras, julgo chegado o momento do S.C.E. tentar viver ante as realidades sócio-desportivas actuais e, sobretudo, atento ao futuro.

— Será que o Clube tem estruturas para aguentar a mutação nas bases que idealizas?

— É possível que, por enquanto, tal não aconteça, mas ou o Clube entra, agora, na corrida do futuro ou, depois, será tarde. Era muito bonito vivermos em completo amadorismo, até no futebol e eu, por indole, sou fervoroso

adepto do amadorismo. Contudo, as formas antigas estão ultrapassadas e os clubes são pequenas empresas, com sectores profissionalizados. Consciencializemo-nos disso e criemos as estruturas ideais, de maneira a que a nossa Cidade tenha um Clube à altura, pois ele foi, e há-de ser um cartaz berrante de propagando espinhense.

— Quanto a ti, portanto, os processos que se vinham adoptando estão ultrapassados e entre eles, a gerência de um ano apenas?

— Ah, sim. Há que profissionalizar sectores vitais da Colectividade, por exemplo o de secretário-geral, criar o de secretário-técnico. Claro, para tanto, são preciso as estruturas e eu tentei lançar os alicerces, consciente e cautelosamente. Também é facto que uma gerência de um ano não serve, mas para se aguentar mais do que isso, será indispensável que os dirigentes encontrem nos clubes bons funcionários nos tais lugares chaves-executivos.

— Não houve, por assim dizer, da tua parte, mirabolâncias?

— Bem, Sárria, estás a passar-me uma rasteira, todavia devo dizer-te que o meu plano, cuidadosamente arquitetado, prevê, sempre, a defesa dos mais caros interesses do S.C.E., contudo não dispense a ajuda incondicional de sócios, simpatizantes, entidades, comércio e indústria, pois o Clube é de Espinho e a nossa querida terra beneficiará se ele for cada vez maior. Não houve, nem haverá, «loucuras» e no final da gerência, podem crer, a situação financeira do clube será equilibrada, ficando como saldo positivo as estruturas básicas do futuro que será imposto, a curto prazo, às colectividades desportivas portuguesas.

— Então, no teu entender, as vultuosas aquisições não foram «loucuras»?

— Claro que não, até porque nem foram vultuosas. Cedemos jogadores, cederam-nos jogadores, adquirimos outros, como Telé e Malagueta, em condições altamente vantajosas no futuro, quer fiquem cá ou não. O Artur Jorge é jogador do Espinho por três épocas. Fizemos contas, medimos os prós e os contras, e chego à conclusão que não cometemos loucuras, como a seu tempo se verá. Direi que investimos, mas de forma a tirar a maior rentabilidade presente e futura, isto graças ao magnífico apoio de alguns associados e amigos, que me apraz agradecer e enaltecer.

— Material futebolístico não falta então no S.C.E.?

— É como dizes, embora, nesta altura tentemos ainda recrutar um guarda-redes. Temos um bom técnico, um quadro de jogadores que reputo de bom, permitindo ainda um «banco» da mesma estirpe e estamos atentos às camadas jovens, fazendo aí uma obra em pro-

FEIRENSE, O — ESPINHO, O

FEIRENSE — Garupa; Teixeira, Cândido, Jaime e Barros; Oliveira, Cales e Brites; Cardinal, Nery e Henrique.

ESPINHO — Luz; Ribeirinho, Simplicio, Gonçalves e Gomes; Acácio, Meireles e Ferreira da Costa; Augusto, Djalma e Malagueta.

Árbitro: Bastos da Silva, auxiliado por António Ferreira e Duarte da Silva (Porto).

Jogo aguardado com enorme expectativa e que levou ao Estádio «Comendador Henrique Amorim» cerca de 5000 pessoas. Esta avalanche que ocorreu ao Estádio não é de estranhar, dado que se tratava do primeiro jogo da época a «doer». Por outro lado, por parte dos espinhenses, muitos foram os adeptos que não quiseram perder o encontro, já que a sua equipa recheada de vedetas (mau grado as ausências de Télé e Helder Ernesto), promete uma temporada cheia de interesse.

Logo no início do jogo se notaram as intenções das duas equipas. Pendor

fundidade, para possuímos um «viveiro» útil e valioso.

— Bem, já anda meio-mundo a sonhar com a 1.ª Divisão?

— Alto aí! Quisemos uma boa equipa de futebol, capaz de dignificar o Clube e fazer uma época sem sobressaltos, proporcionando alegrias e bons espectáculos aos apaniguados. Lutaremos pela melhor posição, contudo é prematuro e, até, contraproducente «sonhar» com a 1.ª Divisão. O campeonato é difícil e futebol é futebol, com lesões, cartões amarelos e vermelhos, com 38 jornadas, com outras equipas também bem apetrechadas. Sejamos realistas, trabalhemos pela melhor classificação e depois se verá, mas nada de pensar em facilidades e em vitórias antecipadas.

— Quanto ao futuro estádio do Clube?

— Vamos trabalhar, por enquanto, no «velho» Campo da Avenida. Tentamos inaugurar uma bancada já no próximo jogo com o Famalicão, para 400 pessoas e, depois, 600. Depois arranjaríamos a «superior» e, no tocante ao problema do estádio, ainda não tivemos tempo de nos debruçar, devido à lufa-lufa do futebol. A seu tempo estudaremos o assunto e, certamente, que nos vamos avistar com a Comissão encarregada daquele. Sabes, o estádio até aqui talvez não tenha tido justificação, agora, dentro do plano esboçado quanto ao futuro, começa a ser pertinente.

— Quanto às actividades amadoras e ao problema da sua manutenção em Aveiro ou no Porto?

— Todas as actividades amadoras terão o meu apoio incondicional e da Direcção, mas vão funcionar em bases de certa autonomia, sem que deixemos de as dinamizar, projectar e aumentar o ecletismo do Clube. Temos a questão Aveiro-Porto, mas satisfeitos por ser-

ofensivo por parte dos espinhenses, como lhes competia, já que se tratava da equipa mais credenciada, e defesa porfiada por parte dos feirenses, ensaiando algumas vezes, rápidos contra-ataques, na tentativa de surpreender o reduto defensivo do seu adversário.

Não assistimos a uma grande partida de futebol, mas não podemos esquecer que ainda estamos no princípio da época e, portanto, as equipas que receberam jogadores novos, não têm para já a ligação necessária de molde a proporcionarem jogadas de belo efeito. Mesmo assim, o Sp. de Espinho criou lances de muito perigo que se perderam, por vezes, devido ao mérito da defesa (rude) feirense, outras por manifesta infelicidade dos seus dianteiros. Estamos a lembrar-nos do «slalom» de espectáculo de Malagueta, quando faltavam poucos minutos para terminar a partida e que só não deu golo porque o guarda-redes Garupa ofereceu bem o corpo à bola.

A arbitragem foi nitidamente ofuscada pela anulação daquele golo de Malagueta que nos pareceu perfeitamente legal. No resto esteve bem.

mos aveirenses, acho que, económico-desportivamente falando, as actividades desportivas amadoras devem integrar-se no Porto, defendendo o pendão desportivo aveirense. Os exemplos e as realidades justificam-no, como a nossa posição geográfica.

— Novidades que estejas a pensar introduzir no Clube?

— Bom, congregar mais os associados, através de meios recreativos e culturais, como criar um grupo teatral, fazendo espectáculos com nomes sonantes de artistas portugueses, promovendo colóquios desportivos com figuras gradas da cena desportiva nacional. Alargar, se possível, o número de sócios, pois dois mil são escassos para uma cidade como a nossa. Pedir o apoio dos espinhenses espalhados pelo mundo, sobretudo na Venezuela e América do Sul, onde reinam as nossas maiores colónias. Desejar que os sócios venham até à Direcção, pondo problemas, alvitando, criticando construtivamente. Organizar um sistema de viagens acessíveis para que, os menos favorecidos economicamente, acompanhem e apoiem as nossas equipas fora da terra.

— E por fim?

— Louvar todas as direcções que nos precederam, pois trabalharam abnegadamente para que o S.C.E. seja hoje o que é e, como elas, iremos trabalhar, dentro de processos actualizados, para alcançarmos o mesmo fim: grandeza e prestígio do Clube. Para terminar, um apelo aos sócios e simpatizantes, como aos nossos futebolistas e, enfim, aos atletas em geral: desporto sem correcção não é desporto, por isso apoiando e lutando pelas vitórias, mostremos que somos uma cidade de desportistas e de grande valor cívico.

CARLOS SÁRRIA

BANCO PINTO DE MAGALHÃES
O SEU BANCO
PORTO LISBOA
AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E NO ESTRANGEIRO

SAL... PICOS

Por BANZÉ & C.[^]

BARRACAS DA NOSSA FESTA

No arraial da S.^a da Ajuda não foi permitido instalar *montanhas russas*, para não fazerem *concorrência ao piso* das ruas cá do burgo!

— x —

Quando aquele turista estrangeiro lhe perguntou o «*que é aquilo*» virado para o *barraco de madeira da C.P.*, ele engoliu em seco e saiu-se com esta:

— É um «*snack-bar*» típico... que está encerrado para férias do pessoal!

— x —

Quando teremos *passadeiras* para peões, nas artérias da cidade? Como subimos de categoria, certamente aguardam-se verbas para porem antes *alcatifa*!

— x —

Afinal *caíram e lavaram* a Câmara toda. As más-línguas diziam que só as *frentes* tinham direito, contudo isso é, apenas, em relação aos ajardinados lá do sítio.

— x —

Resolve-se, finalmente, dentro de quinze dias, o *problema da falta de areal* na nossa praia!

É. Acaba a época de veraneio e já não se precisa de areal.

— x —

Tinha realmente uma *memória excelente*! Ainda se lembrava de quando se anunciou a *urgente ligação rodoviária* Granja-Espinho!

— x —

Bairros de casas de renda económica em Espinho? E depois, *como vão viver* os senhores que constroem blocos?

Deixem-se de *pelintras* e quem não aguentar as rendas... tem o parque de campismo!

OLHOS NO FUTURO

3 — RESPONSABILIDADE CIVIL E PROGRESSO CÍVICO

Regista-se, como factor novo entre nós, o surto de mentalização em matéria de responsabilidade civil, revelado por diversos indícios: publicação de estudos científicos e de artigos de simples divulgação, forte expansão na realização de seguros deste tipo (mais 300 % em 1972), reclamações de prejudicados (na maioria extra-judiciais) e forte progressão nas indemnizações liquidadas pelas sociedades de seguros. Pode ainda referir-se a crescente expansão dos denominados seguros escolares (privados) que, ao abrangerem não só os acidentes pessoais sofridos por alunos mas também a responsabilidade em que estes incorram, vieram contribuir, através do vasto segmento do Público atingido, para um começo da implantação de ideias desde há muito radicadas nos Países de maior desenvolvimento económico e social. A simples e tão vetusta noção de que quem culposamente prejudicar terceiros é obrigado a indemnizar os danos causados, noção esta consubstanciada em todas as Leis, reflecte, efectivamente, um determinado estado de consciência cívica, com forte e legítimo posicionamento quanto aos direitos e obrigações que impendem sobre as pessoas e as colectividades, que conduziu mesmo, perante certas responsabilidades, ao estabelecimento, no estrangeiro, de muitos casos de seguro obrigatório (não nos referíamos aqui ao seguro de responsabilidade civil de acidentes de viação). Não há dúvida que, face ao nosso Código Civil, todos podemos ser responsabilizados pelos nossos actos: indivíduos, agregados familiares, empresas, profissões liberais, entidades públicas, etc., etc. Teoricamente, semelhantes responsabilidades, que são susceptíveis de pôr em causa interesses de vulto e reparações pecuniárias enormes, transcendem de longe as possibilidades financeiras e põem em perigo a segurança e tranquilidade de eventuais responsáveis. Existe no en-

tanto um processo simples de se transferirem tais cargas, repercutindo-se o encargo de indemnizar para a instituição seguradora. É desta forma que nos surge o Seguro de Responsabilidade Civil, tão difundido por todo o mundo, nas suas variadas modalidades e abrangendo todas as situações em risco, desde o vulgar caso de uma criança que parte o vidro de uma montra até à cobertura das instalações produtoras de energia nuclear, para fins pacíficos, da poluição e dos produtos alimentares e farmacêuticos (lembram-se do caso da «Taldomida»)? As indemnizações atribuídas pelos Tribunais foram pagas pelo seguro).

5 — O DIREITO A INFORMAÇÃO

Nos últimos tempos tem sido levada a efeito uma tarefa de relações públicas e de informação, por parte do Centro de Documentação e Informação de Seguros, cujo objectivo primordial é a desmitificação dos seguros, desvendando os seus processos e sistemas de trabalho, explicando o funcionamento contratual do seguro e expondo, sem margem a dúvidas, coberturas e exclusões das várias apólices. O Público (segurado ou não segurado) tem o direito de saber o que se passa no mundo das Companhias e das apólices — tantas vezes estas redigidas na «tal letra miudinha» que quase ninguém lê. Daí que se aplauda o Centro pelo que já começou a fazer e esperando o muito que terá a fazer neste campo da Informação. Informação, aliás, que traz consigo maior entendimento e conjugação de interesses, propiciando mais contactos e ampliando a noção dos direitos e deveres de cada uma das partes. Arma de dois gumes — na medida em que compele os nossos seguradores, por sua banda, a trabalhar melhor, sem burocracias, liquidando rapidamente os seus compromissos e arranjando novas fórmulas contratuais aptas para a satisfação das necessidades do consumidor, neste caso o segurado ou o futuro segurado.

CINEMA

SANSÃO e DALILA de CECIL B. MILLE

Há um certo tipo de cinema feito com o intuito de atrair lucros para as grandes firmas produtoras, que explorando os gostos do público conseguem somas fabulosas. Este é o chamado «cinema indústria» seguido por Hollywood, que, criando mitos e êxitos de bilheteira, transformou o invento dos irmãos Lumière numa fonte de riquezas.

O filme «Sansão e Dalila» é um exemplo do produto criado pela máquina industrial de Hollywood com a finalidade de ir ao encontro das preferências das pessoas, preferências estas provocadas por uma grande engrenagem publicitária. Ora um género de filmes que esteve em voga foi o dos chamados «filmes históricos», que, baseados em episódios da História Antiga e da Bíblia, impunham-se mediante argumentos que de tema histórico não tinham senão a ideia original, pois eram modificados, introduzindo-se histórias de amor e cenas de esplendor e grandiosidade, a torto e a direito, injectando no público o gosto pelos filmes grandiosos, pelas super-produções de cenários luxuosos e imponentes, com milhões de figurantes e um elenco encabeçado por astros super-famosos.

Cecil B. de Mille era o realizador quase sempre escolhido para dirigir este tipo de filmes, tendência esta vinda já da época do cinema mudo e depois na época do sonoro e da cor, elementos que poderiam tornar mais grandiosas as super-produções históricas de Hollywood. Baseando-se num episódio bíblico, que já de si tinha elementos suficientemente atractivos, como a história de amor entre Sansão e Dalila e as cenas em que Sansão põe à prova toda a sua farsa, de Mille introduz cenários gran-

diosos, milhares de figurantes, vestuários que devem muito à cor e explora as cenas de amor entre os protagonistas utilizando uma música melódica. Os principais papéis seriam entregues à bela Hedy Lamarr e ao insípido Victor Mature.

De Mille não foi um realizador de génio, limitando-se apenas a explorar a história nas partes mais do agrado do público servindo-se da grandiosidade dos ambientes e do colorido. As cenas de grande impacto, como a luta de Sansão contra o exército filisteu, a cena de amor entre Sansão e Dalila num cenário sofisticado e a destruição do templo profano são momentos empolgantes do filme, mas que se apoiam na sua grandiosidade ou na beleza de Hedy Lamarr, servindo-se o realizador, portanto, de elementos que possam atrair a atenção do público mas que nada devem ao rasgo e intuição cinematográfica que Mille não tinha.

A história, em si, é insípida, sem grandes rasgos mas que, como acima se disse, tem tudo para agradar ao público. É um filme de acordo com o gosto usual das pessoas, um filme que não pretende educá-lo, mas sim explorá-lo, um filme típico da sociedade de consumo, que marca uma época dourada do cinema indústria de Hollywood.

Resumindo, um filme grandioso de fundo moral que apenas interessa por ser exemplo duma época em que Hollywood se impunha ao mundo, lançando os seus sucessos comerciais (quase sempre duvidosos no conteúdo) e aumentando o poderio da indústria cinematográfica.

M. G.

Um olhar sobre o terreno que o mar nos levou

Conforme no artigo anterior prometemos, aqui estamos novamente para dar mais alguns pormenores, sem dúvida, integrados nos acontecimentos derivados das invasões do mar, seguindo, como é óbvio, a indicação dos nossos apontamentos. Assim, depois de um surto de paz que durou alguns anos, o mar por vontade própria recuou e deixou livre apreciáveis espaços, circunstância que foi aproveitada para se construir uma bonita esplanada que abrangia toda a Zona da praia onde se instalavam as barracas destinadas à sua função de banhos, que se prolongava até à Rua 25. Inúmeras pessoas muito atentas às andanças do mar, especialmente as que exerciam funções de responsabilidade, estavam convencidos de que esta atraente obra ficaria ao abrigo e por isso completamente protegida pelos dois esporões (1 e 2) únicos até à data construídos — os outros vieram depois — mercê dum período de agonia de consequência deploráveis! O mar porém, passado algum tempo num ataque menos violento, fez-lhe algumas cicatrizes

que logo a seguir foram consertadas. Esta obra que servia de debramento à praia, tornou-se em precioso miradouro e pelos elementos integrados na sua estrutura, como: elegantes balaustres, escadas para a praia e vasos encimados em colunas, emprestavam-lhe muito merecidamente uma feição artística, e embelezava o local! Mas a verdade é que esta aparatosa obra não tinha alicerces capaz para poder resistir a uma pequena erosão que fosse, com base em simples marés vivas, como de facto assim aconteceu, como veremos mais à frente. Ora também esperanças no recuo do mar, que em boa verdade se mantinha e durou alguns anos, surgiu a construção da Piscina, iniciativa inegavelmente importante que todos receberam com justificado júbilo e que veio satisfazer anseios há muito desejados! Contudo, em 1947, o mar, sempre implacável, fez mais uma das suas, acabando com o sossego apreciativamente longo de que vínhamos go-

Continua na página 8

DEFESA DE **ESPINHO**

SEMANÁRIO

AVENÇADO

À
Câmara Municipal de Espinho

ESPINHO